

“A IGREJA E AS NOVAS GERAÇÕES” INTRODUÇÃO

- Giovanni Traettino -

Queridos irmãos,

Saúdo a todos com alegria na abertura desta sessão americana da AFI, e em primeiro lugar ofereço um caloroso e afetuoso “boas vindas” aos presentes, expressando minha sincera gratidão àqueles que, juntamente com o secretariado da AFI, trabalharam aqui para a organização e sucesso desta Consulta, a segunda nos EUA após a de Miami em 2013. Agradeço de coração a todos.

Ao ter que introduzir nossas deliberações sobre um tema tão “quente” como o futuro da igreja em relação à geração mais jovem, meu primeiro pensamento é que a questão da juventude está no cerne da igreja em cada geração e que, nesta geração também, o futuro da igreja está em jogo à medida que lidamos com a questão da juventude. No entanto, não é verdade que esta é a fronteira com a qual a igreja é chamada a lidar em cada transição geracional? Embora deva ser reconhecido que a situação atual parece apresentar características mais problemáticas e desafiadoras do que as anteriores. Penso, por exemplo, na geração de '68 na Europa, ou na dos Jesus People nos EUA...

Complexidade e simplicidade

Complexidade é o conceito e a palavra que melhor descreve o meu, talvez o nosso estado de espírito e a nossa reação à tentativa de explicar as causas em primeiro lugar e depois de responder ao desafio da rápida distância das novas gerações da fé, certamente da igreja. Uma crise que, pelo menos aqui no Ocidente, parece afetar de forma transversal, antigas e novas, essencialmente todas as igrejas.

Crise das ideologias e do pensamento forte, “sociedade líquida” e relativismo, individualismo exacerbado, fragmentação das relações e abismos de solidão, novos estilos de vida, consumismo, busca do prazer pelo prazer, incomunicabilidade nas relações e consumo da afetividade, crise da linguagem e polarização das posições na política e na religião, extremismos fundamentalistas, orgulho nacionalista e racial... com o resultado final do desencanto e da indiferença, do distanciamento, do cinismo e da apatia.

Na minha opinião, esta é uma crise que parece ter adquirido força substancial e dimensões estruturais nos “lugares celestiais” do pensamento dominante devido à influência e ação das “forças espirituais do mal” de que fala Paulo. De fato, um quadro complexo. Mas, segundo Paulo, sempre ativo e presente, mesmo que com complexidades diversas, em todas as fases da história da humanidade e da Igreja

Reduzindo a complexidade à simplicidade de uma reunião

Sem prejuízo do *valor do estudo e da análise da complexidade*, diante de nós, precisamente como pastores, surge o desafio de tentar reduzir a *complexidade à simplicidade*. Nesta direção creio que é a própria Bíblia, a história e a descoberta da forma como Deus sempre se relacionou com o homem, que nos revela a resposta. Na verdade, a Bíblia é a história de como Deus nunca se deixou sem testemunhas e sempre encontrou o caminho e o caminho, o canal para “furar” o véu que o separava do homem; para conhecer o homem.

Na verdade, é reconfortante observar como a Escritura, toda a Escritura, testemunha de forma reiterada e constante a mesma abordagem, o mesmo paradigma, a mesma modalidade de intervenção de Deus. Em essência: a iniciativa de Deus, o seu desejo, a sua investigação. revelar-se, visitar o homem, conhecer o homem.

Abraão nos carvalhos de Manre, Jacó com o anjo em Peniel, Moisés na sarça ardente; e assim por diante em muitas outras “visitações” de Deus no Antigo Testamento. “A visão” de Isaías e o “Pentecostes” de Ezequiel têm um lugar especial no meu coração. Para depois continuar, na transição do Antigo para o Novo, com a visita a Zacarias e o anúncio a Maria. No Novo Testamento é o próprio Pai quem visita o batismo do Filho: “*Tu és meu filho amado, em ti me comprazo*” (Mc 1,11). Será seguido, no ministério de Jesus, pelo “chamado” aos discípulos e pelo “encontro” com as pessoas, as famílias e as multidões; para então terminar, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, com o envio do Espírito Santo diretamente aos corações “transpassados” dos presentes. É o Pentecostes de Jerusalém! Com a revelação pessoal e a experiência direta dos discípulos, como modelo e paradigma para todos os futuros. Na verdade, haverá outros “Pentecostes”. Penso na maneira como Paulo se converteu. Penso na visita a Cornélio de Pedro “sequestrado em êxtase” em Cesaréia, penso em João do Apocalipse... E para muitos outros até nós. O Senhor continuará a falar pessoalmente, o Senhor continuará a revelar-se. Até seu retorno. Até a última revelação. E será a eternidade. Será “*o novo tempo*”!

Curiosamente, um autor católico sugeriu recentemente que a “manifestação sensível inicial de Deus” (“teofania”) ao cristão, a sua “revelação inicial”, a sua “abertura inicial do véu”, parece tornar-se a maneira pela qual ele então verá a realidade (R. Rohr). Portanto, “*uma experiência interior verdadeiramente transcendente*” é necessária para ancorar as pessoas em Deus (Carl Jung). O Cristianismo, por outro lado, nem sempre enfatizaria suficientemente a importância ou o poder da experiência espiritual interior. Portanto, mesmo a “santidade” teria se tornado em grande parte uma questão de intelecto e de vontade, e não o resultado da relação pessoal com o Espírito Santo, do diálogo de amor com ele no homem interior. Não é por acaso que o teólogo Karl Rahner disse: “O cristão do futuro será um místico ou não será”.

Deus sempre à procura do homem, um desejo ardente de revelar-se ao homem e de habitar no homem; experimentar o homem, ser habitado pelo homem; para que o homem também possa experimentá-lo. Em suma, quero dizer que o Senhor nos persegue e nos corteja; que o Senhor não nos deixa sozinhos. Se a igreja for dócil em ouvir e ensinável à sua liderança, Ele irá elevá-la, inspirá-la e capacitá-la mais uma vez. O Altíssimo está próximo, mas quer chegar bem perto. A igreja também será capaz de

enfrentar as dificuldades e desafios do nosso tempo. Não vamos esquecer isso! Jesus disse: “Edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mt 16:18).

Intelecto e revelação

No caminho da igreja, duas maneiras de se aproximar de Deus, de se relacionar com Deus, de “conhecer” Deus muitas vezes se cruzaram: o caminho do intelecto e o caminho da razão, o caminho da fé e da graça, o caminho da revelação. . E observamos que em relação à cultura e à época vivida, a igreja tem privilegiado ora uma e ora a outra modalidade.

Minha impressão para esta época é que Deus, para “limpar” a neblina e “furar” a barreira do silêncio entre Ele e as novas gerações, de mais maneiras e com mais certeza, ainda amará revelar-se diretamente aos seus corações. Porque ele adora revelar-se ao homem e ter experiência direta com o homem. Esta foi e continua a ser a minha experiência pessoal, esta foi e é a minha experiência como pastor. Este é o segredo, não só para iniciar um relacionamento com Deus, mas também para caminhar com ele e crescer na intimidade com ele. Acredito que mesmo nos corações e nas mentes dos jovens de hoje existe uma grande fome e sede de Deus; porque também o coração deles, como o meu, é feito na forma de Deus. E creio que, sem fazer concessões ao Evangelho, devemos apenas pedir ao Senhor a luz para encontrar, na simplicidade e na fidelidade a ELE e à sua Palavra, a maneira certa de descobrir a língua e atender às reais necessidades das novas gerações.

Giovanni Traettino